

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI/NEAD
ROSÂNGELA CÉZAR BASTOS SILVANO**

**O OLHAR ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA EM UMA VISITA MEDIADA AO MUSEU
CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL (CCBB)**

**BELO HORIZONTE – MG
2019**

ROSÂNGELA CÉZAR BASTOS SILVANO

**O OLHAR ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA EM UMA VISITA MEDIADA AO MUSEU
CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL (CCBB)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de São João del-Rei/NEAD como pré-requisito para obtenção do título de especialista em Mídias da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique de Matos Lima

BELO HORIZONTE – MG

2019

À minha família que sempre me apoiou nas minhas formações e estudos, sem eles,
não teria concluído.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo carinho e amor incondicional, que me apoiou sempre em todos os sentidos: financeiro, psicológico, físico e moralmente, em todos os meus fazeres profissionais e na vida.

À Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH) que proporcionou um estudo reflexivo sobre a importância das tecnologias na educação, através de formação continuada. À professora Ana Cláudia Figueiredo, da gestão na Prefeitura de Belo Horizonte por proporcionar reflexões e estudos sobre as mídias e a ação mediadora dos profissionais que atuam na educação Infantil de Belo Horizonte.

Aos sujeitos pesquisados, membros do projeto “O Olhar através da fotografia”, que aceitaram participar das entrevistas, contribuindo para a rica discussão que desenvolvi neste trabalho.

Aos funcionários, professores e colegas da SMED/BH e instituições próprias da PBH.

A todos que contribuíram de alguma forma, seja com leituras e sugestões para o trabalho; com palavras de carinho e força; outros com orações e pensamentos de fé; que são elementos fundamentais para seguirmos em frente quando temos vontade de desistir.

Muito Obrigada!

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa. Quando se vê, já são seis horas! Quando se vê, já é sexta-feira! Quando se vê, já é natal... Quando se vê, já terminou o ano... Quando se vê perdemos o amor da nossa vida. Quando se vê passaram 50 anos! Agora é tarde demais para ser reprovado... Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio. Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas... Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo... E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo. Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz. A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

Mário Quintana, O tempo.

SILVANO, Rosângela César Bastos. **O olhar através da fotografia em uma visita mediada ao Museu Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB)**. Belo Horizonte: Universidade Federal de São João del-Rei/NEAD, 2019. Especialização em Mídias da Educação.

RESUMO

Este estudo apresenta uma reflexão a respeito do uso da máquina fotográfica em visitas museológicas no âmbito das Mídias em Educação, a partir da experiência do projeto de Linguagem Digital, política Educacional de Belo Horizonte, Cidade Educadora, realizado em Museus da Cidade. Buscou-se compreender como o Museu entende e faz a mediação da criança e o olhar dessa criança através da máquina fotográfica, usada como apoio de memória. Para tal, foi realizada uma busca bibliográfica a respeito do tema, delineando conceitos e/ou definições propostos por autores da área ou instituições e órgãos governamentais que abordam a temática e regem o fazer dos profissionais de museus e dos professores na visitação. Apresentou-se um panorama histórico dos museus, apontando sua evolução na sociedade e sua atuação como instituição educativa e cultural. Discutiu-se a respeito do objeto de estudo da fotografia como recurso midiático, sobre o olhar da criança na visitação, exposição dos objetos e o uso da máquina fotográfica. A abordagem utilizada é qualitativa, a partir de um projeto desenvolvido no Museu CCBB de Belo Horizonte. Utilizou-se para coleta de dados análise fotográfica a partir da visitação de uma turma de crianças de 4 anos, sendo essa Análise de Conteúdo utilizada para análise dos dados. Esta se direciona para a mediação do ponto de vista da prática profissional, a partir das três categorias: mediação educativa, mediação cultural e mediação da informação, sendo estas categorias também base para a discussão. Acredita-se que as mediações educativa, cultural e da informação foram realizadas pelo projeto "O olhar através da fotografia", pois através tanto da análise realizada nos documentos do projeto quanto das reflexões com os participantes, foi possível descrever a mediação do uso da máquina fotográfica com as três categorias estabelecidas, existindo em cada uma das fases do projeto os elementos que compõem cada um dos três tipos de mediação utilizados como aporte teórico. Conclui-se que o projeto "O olhar através da fotografia" proporcionou ao museu exercer papel tanto educativo quanto de meio de acesso à informação, além de ser uma instituição cultural.

Palavras-chave: Mediação Educativa, Mediação Cultural, Mediação da Informação, Museu, Projeto "O olhar através da fotografia".

SILVANO, Rosângela César Bastos. **The look through the photograph in a mediated visit to the Cultural Center Museum of Brazil Bank (CCBB)**. Belo Horizonte: Federal University of São João del-Rei/NEAD, 2019. Specialization in Education Media.

ABSTRACT

This study presents a reflection about the use of the camera in visits to museums with an approach to Media in Education; this from pedagogical experiences in museums of the city of Belo Horizonte. It was the objective of this research to understand how the museum approaches the mediation between the child and the child 's gaze, through the camera, used as support of memory. A bibliographic research was carried out on the subject, presenting concepts and definitions of authors and public and private institutions (which coordinate the work of museum professionals and teachers). The history of museums was presented, showing their evolution in society and their role as an educational and cultural institution. Several themes were addressed: photography as a media resource, the child's gaze on visitation, exhibition of objects, and the use of the camera. The qualitative approach was used from a project developed at the CCBB Museum in Belo Horizonte. In order to collect data, photographic analysis was used; there was visitation to the museum of a group of children of 4 years; Content Analysis was used in the data analysis. The mediation from the point of view of professional practice is made from three categories: educational mediation, cultural mediation and mediation of information; these categories also grounded the discussion. The educational, cultural and information mediations were carried out by the project "The look through the photograph"; the analysis of the project documents and the reflections with the participants of this research allowed to describe the mediation of the use of the camera. The project "The look through photography" has given the museum a role both as an educational and as a means of access to information, as well as being a cultural institution.

Key words: Educational Mediation, Cultural Mediation, Mediation of Information, Museum, Project "The look through the photograph".

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	08
2- CONTEXTO HISTÓRICO DOS MUSEUS.....	13
2.1- A origem dos museus: da Grécia à Renascença.....	15
2.2- Museus públicos: da Revolução Francesa ao século XIX.....	17
2.3- Crescimento e transformação de museus no século XX e XXI.....	20
2.4- Museus e ciência da informação.....	26
3- A MEDIAÇÃO.....	29
3.1- Mediação educativa e pedagógica.....	31
4- ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	35
4.1- Procedimentos de coleta de dados.....	35
4.2- Procedimento de análise dos dados: Análise de Conteúdo.....	36
5- O PROJETO: O OLHAR ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA.....	37
5.1- Panorama histórico do projeto “O olhar através da fotografia”.....	38
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1- INTRODUÇÃO

*Ou não comece, ou tendo começado, não desista.
(Provérbio Chinês)*

Este trabalho é resultado de um continuum de fatos que decorreram desde o ano de 2015. Na época, como gestora da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH), pedagoga e professora da Educação Infantil de Belo Horizonte, foi realizado um projeto supervisionado de visitação aos museus de Belo Horizonte. Os museus Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), Espaço UFMG do Conhecimento, Memorial Minas Vale, Museu de Artes e Ofícios, Casa FIAT de Cultura, Centro de Arte Popular Cemig, foram palco de várias a oes que motivaram a realiza o desta pesquisa e espaço de uma vivência, onde existiram inúmeras interpreta oes do que vem a ser esta institui o, bem como seu papel na sociedade, e em torno da Media o e da Ciência da Informa o.

Primeiramente, a experiência que motivou esta reflexão foi o projeto supervisionado da SMED/BH, "Educando a Cidade para Educar", que objetivava criar e implantar uma visita o ativa do público infantil nos espaços museológicos de Belo Horizonte (FOTO 01). Assim deu-se início ao tratamento do acervo do museu, tanto o bibliográfico, como o de objetos. Naquele período, dava-se entrada ao projeto de a o do olhar da criança sobre a visita o em museus. Levava-se em conta a importância dos museus em abrir as portas e possibilitar o acesso de uma forma lúdica e interativa ao aluno pequeno, dando voz às percep oes da criança e ao registro das mesmas, por isso, a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), através de parcerias com os espaços museológicos, apresentou iniciativa política de forma o dos/as professores/as nesses espaços e posteriormente parceria com algumas institui oes para que experimentassem levar os alunos, mediando o processo no antes, durante e depois da visita o. Então em 2015 foi realizada uma parceria de forma o ampla dos gestores (coordenadores/as pedagógicos/as) em cima do projeto de a o cultural "Educando a Cidade para Educar, um projeto de interatividade", que também deu abertura a suas atividades no ano de 2015, em parceria com o departamento museológico de Belo Horizonte.



FOTO 01: Estudantes da educação infantil consumindo cultura durante visita a museus de Belo Horizonte.

A partir dessas experiências, inúmeras reflexões a respeito da cultura, educação e o papel social do museu surgiram resultando em projeto de pesquisas de especialização. O primeiro trabalho gerou reflexões em torno do fazer dos profissionais da informação em ambiente museológico. Embora estivesse na gestão regionalizada, realizando os fazeres de gestão educativa e formativa, pode-se ver junto com a equipe dos educadores, que também o museu merecia atenção para estudos e reflexões sobre esse novo público.

Estava claro que esta relação se dava pela organização da informação, pois a primeira atividade que levou a isso foi o tratamento documental do acervo. Mas também a importância do museu em si para a sociedade, já que o MBP também estava em um período de reflexão, uma das propostas era rever o plano diretor e discutir seu papel diante da sociedade. E pode-se ver que além de um espaço

guardião da memória da cidade, ele era um local de educação e relação com o conhecimento e a cultura, assim, o museu se mostrou um espaço de mediação.

A partir desta percepção, surgiu a proposta de parcerias com instituições Educativas, de analisar esta casa museal como um espaço de mediação, e para isso, foi escolhida uma das experiências que ocorreram ali, que representasse a mediação em várias etapas de um fazer museológico. Neste caso foi retomado o projeto “Educando a Cidade para Educar” para analisá-lo mais profundamente na questão da mediação, entendendo este projeto macro como um espaço/agente que proporciona uma relação do indivíduo com o objeto portador de informação e representante da memória.

Deste modo, este estudo centrou-se nos museus e sua relação com a mediação. Trata-se de um levantamento histórico sobre os museus, observando sempre o seu papel social, cultural e educativo. Entendemos que cumprindo estes papéis, o museu torna-se agente de mudanças na sociedade e justamente por isso ele é uma instituição mediadora. Por mediação entendemos toda ação de interferência, que provoca uma mudança em uma determinada realidade. Sob um prisma dialético, acredita-se no papel do homem e sua ação, como transformadores da realidade, deste modo ele é um ser histórico e junto a ele os mecanismos que criou para fazer a história no mundo (DUARTE, 1993).

Assim como o machado, entendemos o museu como uma ferramenta de mudança da sociedade. O museu é um espaço que abriga a informação em variados formatos: de artefatos, documentos, e que pode propiciar uma relação com estes elementos, sendo neste momento de interação, o de construção do conhecimento. Logo, ele é um espaço de informação e conhecimento, bem como de mediação, basta ver a sua participação na história. Ele sempre atuou como espaço educativo, embora esta atuação tenha se dado de acordo com seu período histórico e a instituição tenha se modificado junto com a humanidade. A atuação do museu seguiu as particularidades de cada período histórico que se seguiu. A construção do corpus teórico se deu justamente com as descobertas sobre o tema central do trabalho: museu e mediação. O leitor irá encontrar um caminho percorrido desde o senso comum de mudança conceitual de espaço que fomos conhecendo a origem, o passado, o desenvolver e o panorama atual das duas palavras que norteiam esta pesquisa.

Esta escolha de construção do trabalho se justifica pelo fato de ser uma área de inserção mediada em espaços culturais que provocam motivação e desejo de novas experiências pelos usuários sejam eles crianças ou famílias. Sendo assim, a tarefa de conhecer o museu e a museologia foi construída através de muitas formações e discussões. Posteriormente, foi necessário conhecer mais a respeito da Mediação e como ela se dá nos museus, de que maneira ela é discutida.

Hoje em dia, muito se fala em museus e mediação. Outros nomes se dão para esta discussão, tais como: educação em museus, mediação em museus, mediação cultural, função social dos museus etc. Por se tratar de um tema já debatido na área de museus e outras áreas de estudos que nela contribuem, viu-se a necessidade de levar a discussão para o âmbito da Ciência da Informação. Nesta última, a mediação tem sido um tema em discussão, embora seja ainda emergente na área. A questão principal desta discussão é como o museu, entendido aqui como uma instituição cultural, onde se constrói e dissemina a informação e o conhecimento, entende e faz a mediação.

Deste modo a pesquisa tem como objetivo geral estudar e discutir a Mediação em museus, a partir de uma experiência do projeto “Educando a Cidade para Educar, um projeto de inserção cultural: O olhar através da fotografia”, realizada no Museu CCBB, Espaço UFMG do conhecimento, Memorial Minas Gerais Vale, Centro de Arte Popular CEMIG, Casa FIAT de Cultura e outros da cidade de Belo Horizonte, entre os anos de 2015 a 2019. E como objetivos específicos da área de Museologia, Ciência da Informação e áreas afins:

1. Estudar e discutir os conceitos acerca da Mediação Cultural, Mediação Educativa e/ou Educação em Museus e Mediação da Informação, e relacioná-los com os museus e a Museologia;
2. Levantar e revisar na literatura científica, discussões a respeito da atuação cultural e educativa dos museus na sociedade;
3. Discutir a Mediação a partir da experiência do projeto “Museu, um projeto de inserção mediada em espaços Culturais: O olhar através da fotografia”, ocorrido entre os anos de 2015 a 2019.

Para isso, foi realizada uma investigação bibliográfica a respeito do tema, na qual buscou-se na literatura relatos de experiências, artigos científicos, notícias de jornais, teses e outros trabalhos acadêmicos, para traçar um panorama da mediação neste espaços. Nesta questão teórica, foram delineados conceitos e/ou definições

propostos por autores da área ou instituições e órgãos governamentais que se preocupam com esta temática e traçam o fazer dos profissionais de museus.

Em seguida, apresenta-se o espaço museu, sua evolução histórica, até ele ser entendido como uma instituição pública, disseminadora do conhecimento, espaço de relações e de mediação. Pretendemos apresentar a relação dos museus e da Museologia com a Ciência da Informação, a partir do entendimento da mediação.

Em sequência apresenta-se a temática Mediação e sua abrangência. Inicialmente pela busca do conceito e etimologia da palavra Mediato e Imediato como interventor em uma situação de conflito ou em uma relação. Trata-se do entendimento de mediador como o terceiro elemento numa relação até o conceito de Mediação como ação humana, ou seja, o sujeito que age para modificar uma realidade, uma relação.

Deste ponto de vista da ação humana, surge o conceito de mediação histórico-cultural. Nesta perspectiva, “existem” os conceitos de Mediação Cultural, Mediação Educativa e Mediação da Informação. Neste contexto histórico-cultural, situa-se a Ciência da Informação, que tem como um dos objetos de estudos, os processos relativos à informação nos espaços museais. Sendo assim, é de interesse da Ciência da Informação o estudo de Mediação, bem como do espaço museu.

Vê-se que entre o discurso dos autores apresentados, alguns se confundem, tendo como objetivo final que o espaço e os profissionais que nele atuam, devem provocar uma mudança histórico-cultural no público e na sociedade em que o museu está inserido.

A abordagem continuou ampliando a discussão para formas de registros da visitação, numa forma midiática “a fotografia” entendida como um registro virtual do objeto em observância. Por isso, a mediação deu-se no âmbito Implícito e Explícito. Entendemos a questão política e administrativa, como Mediação Implícita, e os profissionais que atuam direto com o público, como Mediação Explícita.

A metodologia do trabalho foi delineada, sendo realizado um estudo de caso do projeto “o olhar através da fotografia”. A coleta de dados foi realizada através de documentos referentes ao projeto desenvolvido em uma Instituição de Educação Infantil pública de Belo Horizonte, e reflexões da turma através dos registros efetuados na visitação, realizada com os participantes do projeto.

Para análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo, buscando retirar tanto dos documentos quanto das falas dos alunos elementos que dessem sustentação ao referencial teórico e embasassem a descrição e discussão do projeto alinhado aos objetivos da pesquisa.

Em outro capítulo apresentamos o projeto “o olhar através da fotografia”, relatando sua história, como se deu o processo, quem foi o público atingido, os profissionais envolvidos e as políticas atreladas ao projeto. Também foi apresentada a análise do projeto, frente ao panorama exposto nos capítulos anteriores.

A partir do exposto, podemos considerar que este trabalho foi importante para a área de Mídias na Educação, pois mostra uma forma de fazer mediação do registro da informação. Esperamos que este trabalho possa contribuir para reflexões na área, a respeito da Mediação em museus e seus registros como sustentador da memória, sugerindo um olhar mais atento para a relação com a informação, como objeto da área e suas formas de registros, evidenciando um trabalho de mediação antes, durante e depois através de um recurso midiático, a fotografia.

2- CONTEXTO HISTÓRICO DOS MUSEUS

A instituição museu é reconhecida como espaço de preservação de uma determinada coleção, bem como de sua exibição para educação e lazer. Essa percepção do senso comum, não se difere muito do que conceituam especialistas da área, como nos mostra Lara Filho (2009, p. 164) que o define como um “local de contemplação, de fruição, de prazer; que possui compromissos educacionais, funções sociais, mas principalmente insere-se no universo do conhecimento”; para, assim, tornar-se um espaço orientado para o público (GROSSMANN; RAFFAINI; TEIXEIRA COELHO, 2004, p. 269). A FOTO 02 ilustra essa questão da contemplação, do encantamento, verificado durante visita das crianças ao museu.



FOTO 02: Nessa parte do Museu, o foco é a beleza do céu, que é um convite à contemplação, que foi muito apreciado pelas crianças durante a visita.

O museu também pode ser definido como:

[...] um estabelecimento permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que coleciona, conserva, pesquisa, comunica e exhibe, para o estudo, a educação e o entretenimento, a evidência material do homem e seu meio ambiente (ICOM, 2007).

No entanto, Grossmann, Raffaini e Teixeira Coelho (2004) lembram que o objetivo ainda é de manter a obra, oferecendo condições para que entre no circuito imaginário da cultura:

[...] primeiramente o Museu Tradicional baseado nos objetos (cabendo nesta classificação o museu ortodoxo (acadêmico), interativo (exploratório) ou com coleções vivas (jardins botânicos, zoológicos, aquários), seguido pelo Museu de Território (compreendendo os museus comunitários e ecomuseus, parques nacionais e sítios naturais, cidades - monumento, sítios arqueológicos e paleontológicos).

Percebemos por meio da literatura da área, que os museus sempre estiveram relacionados à educação e cultura. Basta comparar o período histórico e ver que os museus transformaram-se em suas atividades/concepções, mas sempre se deram como espaço de conhecimento, educação, cultura, ou melhor, um espaço de relação, de mediação.

2.1- A origem dos museus: da Grécia à Renascença

O conceito de museu tem origem na Grécia Helênica, de acordo com Mattos e Mattos (2010), a partir do termo Mouseion, que significava o “templo das nove musas” ligadas a diferentes ramos das artes e das ciências, filhas de Zeus e Mnemzine, deusa da Memória. “Eles eram locais de contemplação e estudos científicos, literários e artísticos” (JULIÃO, 2006, p. 20). O museu era espaço de discussão e ensino do saber universal. Mattos e Mattos (2010) afirmam que o Museu de Alexandria já desenvolvia uma função educativa naquele período, a partir das ideias pedagógicas do “Liceu de Atenas” fundado por Aristóteles, que foram levadas por Demétrio Falero, por volta de 307 a.C. De tal modo, este é o primeiro museu que se tem conhecimento na história, que era um verdadeiro complexo cultural, pois possuía observatório astronômico, bibliotecas, jardins botânicos, coleções de espécimens biológicos e de objetos raros, salas de estudo, pesquisa e abrigo para estudiosos. Assim, ele [...] existiu como instituição educacional interdisciplinar viva, centro de estudo e pesquisa verdadeiro, de análise direta destas coleções, que agia como um centro ativo para a preservação de identidades culturais (MORO, 1980, p. 4 *apud* MATTOS; MATTOS, 2010, p. 24).

O Museu de Alexandria serviu de referência para a criação de museus “Centro Cultural”, criados a partir do século XX, conforme veremos adiante. No entanto, essas autoras advertem que, embora o Mouseion fosse um espaço pedagógico, ele

era restrito a uma camada mais culta da população – reis, nobres ou guerreiros – e não para o povo (trabalhadores manuais) ou labregos (servos ou escravos).

Desta forma existiam os Museums, espaços reservados às reuniões filosóficas e às exposições de coleções, constituídas de livros, quadros, bronzes, objetos de adorno e decoração, que com o tempo ganharam valor monetário e se tornaram mercados de obras de arte. Para as referidas autoras, “é nesta época que surgem concepções como: ‘série completa’, ‘raridade’, ‘originalidade’ e ‘antiguidade’. Colecionar significava ter poder e prestígio social, político e cultural.” (MATTOS; MATTOS, 2010, p. 24).

Para Julião (2006), o termo museu foi pouco usado na Idade Média até reaparecer no século XV, com a onda do Coleccionismo, que se tornou moda na Europa. Estudos mostram que as coleções da época eram formadas por objetos arqueológicos, que representavam os costumes e ilustravam as formas de poder das antigas civilizações tais como: grega, egípcia, romana, oriental, africana e de demais territórios conquistados em guerras. Naquele período, o encanto do tesouro era a sua intocabilidade. As coleções eram custodiadas pelo Clero, que pregava “o despojamento pessoal, o desprendimento dos bens materiais supérfluos” (SUANO, 1986, p. 14).

As coleções começaram a ser divididas em categorias do tipo “reserva e prestígio social”, de “valor mágico”, de “lealdade de grupos”, de “curiosidade” e de “pesquisa”. Sendo assim, “a coleção retrata, ao mesmo tempo, a realidade e a história de uma parte do mundo, onde foi formada, e, também, a daquele homem ou sociedade que a coletou e transformou em ‘coleção’.” (SUANO, 1986, p. 12). Também cabe ressaltar, que neste período a educação era predominada pelo catecismo, seguida das escolas episcopais; e posteriormente, as paroquiais – do complexo eclesiástico. A educação evoluiu dos mosteiros para as escolas palatinas, cavaleirescas, gremial e municipal, até a universitária. Aos poucos a educação saía do princípio do claustro, como é o caso da escola gremial e municipal, que pertenciam às “classes sociais dos comerciantes e dos artesãos, provenientes dos burgos ou cidades.” (MATTOS; MATTOS, 2010, p. 25). As escolas tinham caráter profissional e prático, mas que ensinavam matérias de caráter humanístico, como literatura, geografia e história. Neste mesmo período houve a abertura das universidades.

A Renascença é marcada com o advento do Humanismo, o mundo ocidental passa por grandes e importantes transformações, sendo a cultura fundamentada nas regras racionais e científicas, que bebem diretamente nas fontes da Antiguidade. É o período do desenvolvimento dos estados-cidades, do espírito universalista e das grandes navegações, de descoberta geográficas, científicas e tecnológicas. (MATTOS; MATTOS, 2010, p. 27).

As coleções eram formadas de obras artísticas de pintores e escultores renomados da época, bem como de achados arqueológicos, sendo que, para Mattos e Mattos (2010, p. 28), é neste período que se encontra “a gênese dos museus de Arqueologia e História na Europa”. Havia também, as coleções formadas por estudiosos que as tinham por deleite próprio ou que as emprestavam para serem usadas em aulas nas universidades europeias (SUANO, 1986). Assim, “Nesse momento, a palavra museu designa, no século XV, tanto a coleção quanto o prédio que a acolhe, adotando um significado próximo àquele hoje atribuído ao termo” (GROSSMANN; RAFFAINI; TEIXEIRA COELHO, 2004, p. 270).

2.2- Museus públicos: da Revolução Francesa ao século XIX

Nesse contexto, “É importante distinguir entre o significado de coleções ‘abertas ao público’ e o verdadeiro sentido de uma instituição a serviço do público.” (SUANO, 1986, p. 22, grifo da autora). Coleções se tornaram abertas ao público a partir do final do século XV. Com o movimento da reforma religiosa, a cultura passou a ser compreendida como agente de defesa e preservação da sociedade cristã, sendo criado neste período, bibliotecas e museus, que funcionavam como centro didático. Nessa época os museus eram compostos de materiais clássicos (obras de arte aceitas pela Igreja) e, peças advindas de missões jesuítas, que impulsionou o museu a se tornar uma máquina pedagógica. E assim, ao “final do século XVII e começo do século XVIII viram a cristalização da instituição museu em sua função social de expor objetos que documentassem o passado e o presente e celebrassem a ciência e a historiografia oficiais.” (SUANO, 1986, p. 23).

Através da política econômica dos séculos XVI – XVIII que gerou uma política educacional e cultural responsável, em parte, pela ampliação do acesso às grandes coleções. Tem-se “[...] Assim, pouco a pouco, a permissão para visitas a galerias dos palácios, aos ‘gabinetes’, e mesmo “museus”, como eram chamados os lugares

onde se guardavam as coleções, começam a surgir em toda a Europa.” (SUANO, 1986, p. 25-26).

O século XVIII, também conhecido como “Século das Luzes”, é marcado pelo período de tensão social em que vivia a Europa, onde o autoritarismo da realeza perdia espaço para as reações populares. Foi com o movimento revolucionário do final do século XVIII que se abriu definitivamente o acesso às grandes coleções, tornando-se efetivamente públicas. A revolução burguesa, os enciclopedistas, a revolução francesa, entre outros fatos, culminou na insistência da necessidade de educação como grande arma dos países modernos. E o museu correspondia bem à essa necessidade da burguesia de se estabelecer como classe dirigente.

O desenvolvimento das “ideias museológicas” paralelo às “ideias pedagógicas” desde a Renascença até o Iluminismo se encaixam nos princípios da “pedagogia humanista”, “a qual valorizava os métodos indutivos e experimentais, e reconhecia a importância da observação dos fatos e da ação como meio de aprendizagem.” (MATTOS; MATTOS, 2010, p. 29). Nesse momento,

[...] os objetos e as obras de arte da coleção real são redistribuídos e reagrupados segundo uma nova história que se pretendia contar, [...] o museu é utilizado como um instrumento que, de um lado, denuncia a decadência e a tirania das antigas formas de controle, o ancien régime, e de outro, enaltece a democracia e o caráter público do novo regime, a República. (LARA FILHO, 2006, p. 47).

Neste contexto, foram desenvolvidos métodos para proceder ao seu inventário e gestão. Com isso, “Os bens móveis, que agora pertenciam ao povo, foram transferidos para “depósitos” abertos ao público, denominados, a partir de então, de museus.” (JULIÃO, 2006, p. 21). Dá-se início à organização e classificação dos acervos, os quais, a partir de então, vão se tornando cada vez mais especializados, divididos em escolas e categorias – científicos, artísticos, históricos, obedecendo a determinadas intenções didáticas. Cada vez mais, no correr do século, as coleções são usadas como suportes de “demonstração”, quer dizer, tanto para o estudo, como para a difusão.

Nos EUA a criação dos museus deu-se de forma diferente dos europeus. Neste país, a instituição nasceu aberta ao público em sua maioria, mediante a um prévio pagamento na entrada. Importantes inovações na educação e forma de exposição dos objetos se deram em solo americano. Também vale lembrar que nos

EUA a forte ligação entre interesses privados e interesse público permitiu a criação e manutenção de diversas instituições sociais, educacionais e culturais e, dentro deste cenário, está o museu.

Pode-se dizer que no século XIX firmaram-se dois modelos de museus no mundo: aqueles consolidados na história e cultura nacional, de caráter celebrativo, como o Louvre, e os que surgiram como resultado do movimento científico, voltados para a pré-história, à arqueologia e à etnologia, a exemplo do Museu Britânico.

No Brasil, os primeiros museus datam-se das iniciativas de D. João VI, que cria em 1815 o Museu Real, posteriormente em 1818 se torna Museu Nacional. “No final do século XIX surgem o Museu do Exército (1864), o Museu Emílio Goeldi, no Pará (1866), o Museu da Marinha (1868) e o Museu Paulista (1892). Os museus iniciaram com características de coleções de história natural, etnografia, e científico, que se alinhavam ao modelo etnográfico, que se difundiu em todo o mundo.

Entre os anos 1870 e 1930, eram caracterizados pela pretensão enciclopédica, dedicados à pesquisa em ciências naturais, voltados para a coleta, o estudo e a exibição de coleções naturais, de etnografia, paleontologia e arqueologia. O Museu Nacional se converte em Museu Histórico Nacional (MHN) em 1922, e, a partir deste fato, rompe-se com a tradição enciclopédica e inaugura-se um modelo de museu consagrado à história, à pátria, para formular uma representação da nacionalidade; com o objetivo de educar o povo. Dessa forma, o MHN constitui-se como catalisador dos museus brasileiros, cujo modelo foi transplantado para outras instituições. Seguindo as diretrizes do MHN, os museus surgidos a partir das décadas de trinta e quarenta do século XX traziam as marcas da museologia comprometida com a ideia de Memória Nacional elitista cujas exposições adotavam o tratamento factual da história, o culto à personalidade veiculando conteúdos dogmáticos, em detrimento de uma reflexão crítica (JULIÃO, 2006). Vale lembrar que

Os primeiros museus nasceram como obrigação copiada de museus europeus, sem o menor equacionamento aos nossos anseios. Durante todo o século XIX, vão surgir em várias capitais de províncias os Museus enciclopédicos, muito mais preocupados na acumulação de coleções e nas pesquisas realizadas por “homens sábios”, do que na comunicação e no diálogo com a população. (MATTOS; MATTOS, 2010, p. 38).

Diante do exposto, pode-se concluir que, embora o museu público seja datado a partir da abertura do Museu Britânico, a instituição demorou a ser de fato “a

serviço do público” como já mencionado anteriormente. Isso se deu pelo fato de o público não se ver representado por estas instituições. De acordo com Suano (1986), até meados do século XIX, o museu público não foi feliz e fecundo. Isso se explica pelo fato de muitos museus não terem uma política de definição e orientação do acervo, bem como de suas atividades voltadas ao público, simplesmente se acumulava e se exibia, se sucedendo diante dos salões, o tédio e o desinteresse do público.

É na segunda metade do século XIX que o público faz suas primeiras críticas reivindicatórias quanto à exposição, ao atendimento e o museu passa a ser reconhecido como um espaço educativo. Também data-se deste período o museu como objeto de estudo e a sua especialização (Museologia), como área do conhecimento. Dessa forma

[...] intensificam-se os debates em torno de planos de ação, remanejamento de coleções, distribuição de responsabilidades, arquitetura e ambientação, serviços oferecidos. Pode-se considerar que nestes debates surge a figura do mediador, como mostra a revista *Gazette des Beaux Arts*, de roteiros preestabelecidos, com “guias permanentes” para escolares e crianças e implantação de um departamento especialmente voltado para o público. (SUANO, 1986, p. 45).

Nota-se que iniciava a apontar a necessidade de “pessoal especializado” para o trabalho nos museus. Deste modo, o museu que conhecemos hoje foi “inventado” no século XIX. Após as mudanças mencionadas e a virada para o século XX vai se acentuar o que começara neste século, “os museus crescem em número e diversidade e as reflexões sobre seu estatuto e papel social, aos poucos, ganham importância”. (SUANO, 1986).

2.3- Crescimento e transformação de museus no século XX e XXI

Os museus tradicionais predominaram no universo da cultura até o início deste século, quando a partir dos fatos e tensões sociais ocorridas no período, modificaram os novos modos de pensar e viver o cotidiano, dando início aos diversos tipos de museus que se conhece na atualidade, bem como à renovação da ciência Museologia, conforme veremos a seguir.

O século XX é um período de profundas transformações que se sucederam a uma velocidade assustadora, marcado pelos inúmeros avanços tecnológicos e reviravoltas em relação ao poder. Desta forma,

Com a criação de novos Estados, independentes do domínio europeu nos continentes africanos, americanos e asiáticos no correr do período, o poder passou a se deslocar para fora da Europa, sendo neste momento os EUA a nova potência econômica, cultural e política. Inovações tecnológicas como o telefone, o telégrafo sem fio, o cinema, a bicicleta, o automóvel, o avião, inspiravam novas percepções da realidade. Também datou-se neste período, várias mudanças no mundo da arte na Europa, que por ventura tomava novas formas com o Impressionismo e a *Art Nouveau*. (PAZZINATO; SENISE, 2002).

Neste contexto, com o advento da fotografia, a obra-prima que existia por si só, - limitada a uma elite teoricamente culta e que a sabia apreciar em museus que eram fechados até a renascença -, deixa de ser a mais “perfeita”, a mais completa, a ideal, para passar a ser aquela que transmite o estilo do seu criador. Deste modo, “surge a reprodução das obras, dos objectos de culto, isto é, qualquer um passa a ter em sua casa algo ‘idêntico’ ao original” (MOUTINHO, 2001).

Os museus tradicionais produzidos por uma elite e destinados a uma elite difundem a cultura e a realidade social deste grupo. Eles estão completamente defasados das necessidades, preocupações e evolução da sociedade. É urgente transformar, adaptar, renovar. A nova museologia vai assim surgir por uma crítica à museologia tradicional.

Neste momento, inicia-se o movimento para renovação da Museologia com a formulação de novos princípios e práticas, que procuraram imprimir aos museus um caráter dinâmico, de centros de informação, lazer e de educação do público. O Conselho Internacional de Museus, instituição vinculada à UNESCO, contribui para as transformações em torno dos museus no mundo todo, inclusive no Brasil. É nesse período que se intensificaram os debates em torno do papel dos museus nas sociedades contemporâneas. Lara Filho (2006, p. 79) ressalta que

[...] este organismo dá um grande passo de mudança, quando reavalia o conceito das funções do Museu ao colocá-lo “a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento” (grifos do autor), deixando de ser um mero “depósito” de objetos classificados e organizados, para ser um espaço de ação cultural.

Os museus iniciam um processo de reformulação de suas estruturas, procurando compatibilizar suas atividades com as novas demandas da sociedade. Deste modo, os museus deixam de ser espaços consagrados exclusivamente à cultura das elites, aos fatos e personagens excepcionais da história e passam a incorporar questões da vida cotidiana das comunidades, a exemplo das lutas pela preservação do meio ambiente e da memória de grupos sociais específicos. Os museus

Atuando como instrumentos de extensão cultural, desenvolvem atividades para atender a um público diversificado: crianças, jovens, idosos, deficientes físicos e, ao mesmo tempo, estendem sua atuação para além de suas sedes, chegando às escolas, fábricas, sindicatos e periferias das cidades. (JULIÃO, 2006, p. 27).

Nesse momento também criam-se as principais escolas de formação de profissionais de museus, tanto na Europa Ocidental como na Oriental, nos EUA e na América Latina. As discussões de início mostravam a perda de identidade dos museus diante das mudanças da sociedade pós-guerra, o museu se viu “estagnado” e impotente, mas como bem lembra Almeida (1996, p. 108-109) a discussão “abre o caminho à interdisciplinaridade, possibilitando a troca de conceitos e metodologias. [...] A museologia foi-se adaptando a estas mudanças na sociedade, através de um processo de alteração epistemológico”. Vale ressaltar que essas mudanças são oriundas de debates, promovidos por associações profissionais que realizaram encontros, congressos e seminários; que também criaram publicações de revistas especializadas de museus, tais como: *Museums Journal* (Associação dos Museus – Londres).

Neste contexto, vale ressaltar que

Essas novas orientações afirmavam o compromisso do museu com uma concepção antropológica de cultura, de caráter abrangente, compreendida como um sistema de significações que permite comunicar, reproduzir, vivenciar um modo de vida global distinto, e que está envolvida em todas as formas de atividade social. (JULIÃO, 2006, p. 27).

Vê-se que o museu passa mais uma vez por uma mudança, neste caso, ele deveria se converter em espaços de reflexão e debate, ajustados aos interesses e às demandas reais das comunidades. Para Lara Filho (2006, p.81), “[...] de um lado, o movimento reafirma o princípio de que ‘a coleção não pertence a uma determinada

instituição, mas a toda a humanidade’, e de outro, para um novo papel que o museu deveria ter ao utilizar o patrimônio como ‘suporte do conhecimento’”. O Brasil pode sentir o movimento de renovação dos museus, aproximadamente nos anos setenta e oitenta; conforme relata Julião (2006), a reformulação abrangeu os espaços físicos, as exposições, a adoção de critérios e procedimentos adequados de conservação e segurança dos acervos, assim como a implantação de atividades educativas, partindo do princípio de que o público deveria participar na construção de uma identidade cultural.

A década de oitenta, foi marcada pelo “boom” de museus no país, que se especializaram, buscando atender à demanda dos diversos segmentos da sociedade: índios, negros, imigrantes, ambientalistas, moradores de bairros, entre outros que reivindicavam o direito à memória. Desse contexto, nasce a concepção de “fato museológico”, conceituado por Waldisa Rússio (1984), conforme veremos adiante. Pode-se citar como exemplo de marketing cultural, o caso das grandes exposições locais ou as de circuito internacional, que conferem visibilidade a muitos museus, entretanto, “ao serem convertidas em espetáculos, as exposições transformam os museus em espaços de mero consumo cultural, relegando para o segundo plano a sua função social e educativa, tão enfatizada nas últimas décadas.” (JULIÃO, 2006, p. 29).

Diante deste cenário, qual o papel dos museus, e como eles poderiam cumpri-lo? Quais as necessidades desta instituição? Suano (1986) considera que o maior problema para a instituição é ainda, o privilégio do “ver” em detrimento do “incorporar, digerir e criar”, como linha diretiva dos museus. Sendo assim, a principal necessidade da instituição é mudar o foco e sua concepção que norteia suas ações. O “ver” deveria ser revisto conceitualmente. Pois a maioria das exposições coloca o objeto sob uma aura que na realidade ele não tem. Os profissionais de museus “emprestam” seus olhos para o visitante e este conclui que “o museu é coisa chata”. Muito dessa falta de interação se dá pela “museificação” dos objetos que, ao serem retirados de seu local de origem, onde tinham seu real significado, passam a ter valor de documento, sem levar em consideração seu valor intrínseco de produto da ação humana. (MENEZES, 1994).

Atualmente, têm sido travadas discussões intensas para definir ou prever os caminhos do futuro dos museus. O museu tinha e tem a função de preservar e apresentar artefatos que representem uma cultura, no entanto, “[...] o museu

resguardava uma herança ao mesmo tempo em que criava cânones marcados pelo estabelecimento de fronteiras entre o que ficava 'de fora' e o que era admitido no cenário cultural." (GROSSMANN; RAFFAINI; TEIXEIRA COELHO, 2004, p. 272). Tais autores também apontam como destino dos museus, a linha de atuação para o multiculturalismo, que prega "a necessidade de voltarem-se os museus para obras e culturas que teriam sido marginalizadas, no passado, por visões culturais hegemônicas." (GROSSMANN; RAFFAINI; TEIXEIRA COELHO, 2004, p. 272).

Conforme afirma Canclini (1994), conceber os museus como espaço de construção da identidade nacional, atualmente dá-se em processos transitórios e instáveis, como algo que se reconstrói continuamente, a serviço da transformação e emancipação. Deste modo, cabe ao museu rever sua história e se ajustar à realidade a qual faz parte, resgatando seus sentidos e valores que se agregaram na sua formação, entendendo-o não somente como um direito reconhecido pelo Estado, mas também como "práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades". (CANCLINI, 1999, p. 46).

Após conhecer a história dos museus é preciso também entender o campo interdisciplinar da Museologia, e para iniciar esta discussão, será apresentada uma revisão e análise de Peter Van Mensch (1994), que se dá no âmbito do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM). Deste modo há cinco abordagens a respeito do objeto de estudo da museologia, que se dividem em dois pontos de vista, o primeiro é centrado na Instituição Museu. E o segundo é centrado no reconhecimento do valor do objeto. A primeira discussão é a mais popular entre os profissionais e muito usada em programas de treinamento em ambientes museológicos, que também são conhecidos como "estudos de museus" (museum studies) ao invés de museologia. Trata-se da discussão da "museologia como o estudo da finalidade e organização de museus", que parte de uma definição originada no Seminário Internacional de Museus Regionais, promovido pela UNESCO no Rio de Janeiro, em 1958 (ARAÚJO, BRUNO, 1995). Trata-se, portanto, do

estudo da história e trajetória dos museus, seu papel na sociedade, seus métodos específicos de pesquisa, conservação, educação e

organização, seu relacionamento com o ambiente físico e a classificação dos diferentes tipos de museus. (MENSCH, 1994, p. 4).

Nesta acepção há três parâmetros: a instituição; o conjunto específico de atividades desenvolvidas na instituição; e o acervo. No entanto,

O alemão Schreiner dá a mesma abordagem sobre o objeto de pesquisa museológica como o conjunto de propriedades e leis estruturais e de desenvolvimento que determinam o processo de coleta, preservação, interpretação, investigação, exposição e comunicação de objetos móveis que são autênticas fontes de informação e podem, como tal, fornecer evidências do desenvolvimento da sociedade e da natureza, servindo com isso ao propósito de adquirir conhecimento, partilhá-lo e dividir experiências emocionais. (MENSCH, 1994, p. 7).

De tal modo, vê-se por estes autores que a museologia ainda é vinculada à instituição museu.

A segunda vertente é centrada na atividade museológica e não apenas nos museus. Pode-se perceber nos autores Van Mensch, Pouw e Schouten (1983), assim como em Mensch (1994), que “a museologia é definida como o conjunto de teoria e prática envolvendo o cuidado e o uso da herança cultural e natural.” (MENSCH, 1994, p. 7). De acordo com Mensch (1994), em 1964, foi sugerido que se chamasse a Museologia, em concordância com a Arquivologia e Biblioteconomia, “de ciência da documentação”, cuja tarefa é dar acesso, colecionar, conservar, etc., os objetos. Neste caso considera-se a informação sob dois aspectos: A informação científica, que é voltada para fenômenos científicos; e A informação cultural, que é voltada para valores atribuídos ao objeto no contexto social. Assim,

Uma abordagem específica do homem frente à realidade cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-os numa nova realidade para que sejam preservados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma nova maneira, de acordo com suas próprias necessidades. (MENSCH, 1994, p. 11-12).

Para Cury (2009), a Museologia tem deslocado o seu objeto de estudo dos museus e das coleções para o universo das relações. Estas relações se dão entre o homem e a realidade, o homem com o patrimônio musealizado e também a relação do homem com o homem, todas elas, mediadas pelo objeto do museu. Desta forma, “Esse universo de relações deve ser enfrentado na perspectiva transdisciplinar dada a sua complexidade”. (CURY, 2009, p. 273). A Museologia é também uma disciplina

relacionada com/ou que inclui disciplinas como Arquivologia, Biblioteconomia, preservação histórica, etc.

O Museu permanece uma variável fundamental nesse continuum; variável esta dimensionada pela extensão em que a instituição é considerada soberana. “[...] Um consenso final, se é realmente necessário, resultará de uma clara compreensão dos aspectos comportamentais da relação homem/objeto refletida pela instituição - museu.” (MENSCH, 1994, p. 21-22).

2.4- Museus e ciência da informação

Definir o campo da Ciência da Informação requer pensar no sentido da palavra Informação. Etimologicamente, sua origem é do latim *formatio* e *forma*, que significa “notícia” ou “dar forma a alguma coisa”. Para Le Coadic (2004, p. 4), a informação é um elemento de sentido e trata-se de “um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”. Para o referido autor, esse conceito de informação se aplica aos objetos, que também podem comunicar uma informação. Para compreender melhor sua definição, o autor esclarece que entende por conhecimento um saber, que é o resultado do ato de conhecer, ato pelo qual o espírito apreende um objeto (LE COADIC, 2004). Sendo assim, a Ciência da Informação é a área que se preocupa com a produção, transmissão e uso da informação (SARACEVIC, 1996).

Nascida em meados do século XX, apoiada nas Ciências Exatas inicialmente, se desenvolveu nas tecnologias da informação e comunicação, mas com o passar do tempo, passou a se caracterizar também como Ciência Social. Neste contexto a Ciência da Informação (CI) se interessa também pelo estudo do museu, pois tem como objeto de suas pesquisas a relação entre o homem e a informação. Lima e Costa (2007) assinalam que a Museologia é um campo “híbrido” que cruza fronteiras disciplinares com a Ciência da Informação, gerando “formações interdisciplinares no universo do conhecimento.” Para estes autores, a informação nos museus estabelece o encontro entre Ciência da Informação e Museologia, considerando informação tanto as “coleções (armazenadas, expostas, representadas e/ou citadas em edições etc.) quanto elementos e espaços.” (LIMA E COSTA, 2007).

Cabe ressaltar que o tipo de informação em sua maioria está pautado no objeto, mas também se encontra neste espaço documentos bibliográficos e arquivos em geral, zelando muitas vezes pela memória local, cumprindo assim papel importantíssimo na sociedade na qual está inserido. Assim, “Neste espaço, o objeto surge como documento, como um ‘suporte de significações’ passíveis de serem mediados pela exposição como discurso ou narrativa que visa à produção de sentido.” (MENESES, 1994, p. 24).

Lima e Costa (2007) mostram que a informação em museus circula e é transmitida em variados espaços e canais, tais como: exposições; bibliotecas; arquivos; centros de documentação/informação (serviços de informação em museus); bases de dados de coleções e um acervo de diversos suportes apresentadas sob formas textuais, imagéticas, sonoras e audiovisuais. Também pode-se encontrar em alguns museus, o acesso a informação por meio da internet, permitindo inclusive ações de visitação, consultas, pesquisas e recreação nos sites dos museus. Sendo assim, o museu ampliou não só numericamente a demanda informacional, como a disseminação da informação (LIMA; COSTA, 2007).

Atendendo a diversos tipos de públicos, desde o mais geral ao mais específico, como exemplo pesquisadores, o museu é uma unidade que trabalha com o conceito bem amplo de informação, incluindo também a informação científica. Atua não apenas como espaço de memória, mas também espaço de divulgação, que podem ocorrer no âmbito das publicações científicas, por meio de documentos bibliográficos, entre outros de linguagem escrita (LIMA; COSTA, 2007; COSTA, 2009), mas a sua maior contribuição intelectual para a sociedade está na comunicação museal, que se dá pelas exposições. Elas são o fim do trabalho documental e curatorial dos museus (CURY, 2009).

No universo dos museus a exposição desempenha um importante papel na representação e comunicação de suas pesquisas e acervo. É um espaço construído não apenas fisicamente, mas também simbolicamente, uma vez que medeia as imagens dos espaços do imaginário aos espaços reais.

O Museu, enquanto fenômeno cultural se apresenta de maneiras diferentes no tempo e no espaço. Até mesmo a sua arquitetura (FOTO 03), enquanto espaço de representação, pode encontrar-se em permanente mutação e pode também ser objeto de mediação (ENNES, 2008). Neste contexto entende-se que a Mediação da Informação se enquadra nesta discussão, levando-se em conta que ela entende o

museu como instituição informacional e nele ocorre esta relação, seja de maneira explícita pelas exposições e trabalhos desenvolvidos diretamente com o público; seja implícita, neste caso em todos os fazeres dos profissionais de museus, bem como na relação que o indivíduo tem com o edifício em si, já que sua institucionalização, como mostram Ennes (2008) e Davallon (2007), pode provocar inúmeras leituras e significações. Deste modo, a Mediação, que está no âmbito cultural, midiático, educativo e institucional, tem como finalidade única, a de provocar o encontro e a apropriação da informação do indivíduo em sua relação com o objeto musealizado. Esta discussão será apresentada e desenvolvida no próximo capítulo, isto é, a respeito da Mediação.



FOTO 03: Nessa parte do Museu, em Belo Horizonte, o foco é a beleza que lembra um castelo, que levaram as crianças ao encantamento.

3- A MEDIAÇÃO

Mediação é uma palavra que se originou do grego mesou e do latim mediatio (NASCIMENTO, 2008), cuja etimologia gera as seguintes significações: conciliação, intervenção, intercessão e interferência (ter participação ou poder de decisão ou meios para alterar ou modificar). Em Saraiva (2006, p. 271) encontra-se o sentido da palavra a partir do latim médius que “[...] significa o que está no meio, centro, entre dois, que concilia duas coisas contrárias; que observa neutralidade, que é neutro”. Nesta direção, Lalande (1993) designa que mediação seja uma relação de “entre meios”, entre indivíduos e objetos, ou entre indivíduos e instituições. A noção de mediação pressupõe uma atividade própria de um agente mediador, o terceiro elemento em uma relação e este conceito existe desde a antiguidade, quando diversos filósofos o usavam para relacionar dois elementos distintos de um raciocínio. Sendo assim, a compreensão se dá por meio do estabelecimento de um elemento intermediário entre universos de objetos de hierarquias diferentes. Considera-se que a Mediação se refere à união de dois termos por um terceiro termo, como exemplo a união do universal e do individual, inferidos particularmente, pode-se inferir que o termo mediação remete à mediatização (mediato, direto) e “Mediação”, à conciliação, à mediação entre “mediatização” e “imediatidade”. Ainda assim, os termos mediatização (mediato) e imediatidade são usados num sentido mais abrangente, a Mediação pode ser física, epistêmica e lógica. (INWOOD, 1997).

Em Marx a Mediação é vista como interferência, onde reconhece o trabalho humano, a ação para intervir e sem neutralidade. Outros aspectos importantes da mediação envolvem “[...] a negação e as relações complexas das ‘mediações concretas’ com a ‘totalidade concreta’ (BOTTOMORE, 2001, p. 264). No contexto epistemológico, dá-se a Teoria do Conhecimento, que para Martins, é “a mediação situada na discussão sobre o sujeito cognoscente, o mundo a que se refere seu conhecimento e as formas de representação do mesmo.” (MARTINS, 2010, p. 45). Esta discussão no âmbito do conhecimento é em si muito extensa e abrangente, tendo foco neste trabalho, na abordagem histórico-cultural.

Os mediadores e a mediação não estão restritos a uma categoria profissional e nem a uma atividade específica. O mediador pode ser o professor, um padre, um

pastor, um escritor, um jornalista, um apresentador de TV ou rádio, um bibliotecário, um crítico de cinema, entre outros. Cada mediador tem sua importância. Desta forma,

Os mediadores do conhecimento favorecem a interação entre pessoa e objeto do conhecimento, propiciando a construção, divulgação, disponibilização e reconstrução do conhecimento. Tais mediadores podem se dividir em incontáveis profissões nos diferentes estratos sociais e culturais de uma comunidade, seja ela letrada ou popular.” (BICHERI, 2008, p. 94).

O mediador aparece como um sujeito que interfere entre o objeto de conhecimento e o aprendiz, auxiliando-o no processo intra e interpessoal de criação de objetos que descrevem o mundo. A mediação sociocultural também se pauta nos conceitos de aprendizagem desenvolvidos por Vigotski, onde os indivíduos apreendem ao interagirem entre si, seja mediado por professores ou por alunos. O aprendizado se dá pela mediação entre o indivíduo e o objeto. Para que ele apreenda a respeito do objeto, é necessária a interação entre ambos, e este processo de interação e aprendizagem se dá pela mediação do objeto com os indivíduos. Nascimento faz uma síntese desta discussão:

Assim, podemos assumir as três funções da mediação: 1) ligação de uma forma estática entre o sujeito e os objetos; 2) transformação de significado atribuído pelos sujeitos a objetos de hierarquias diferentes e 3) transformação de significados a partir de ações do sujeito sócio-histórico sobre os objetos das culturas. Nessa breve revisão do conceito de mediação, arrisco a dizer que a prática do mediador, tomado aqui como um sujeito sócio-histórico, também precisa ser analisada em sua complexidade assumindo essas três funções como facetas de sua ação. (NASCIMENTO, 2008, p.13).

Nesse caso, o mediador tem um papel de transformador de significados. O mediador

[...] visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua ação consiste em construir uma interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objeto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro.” (DAVALLON, 2007, p. 3).

E por último, a Mediação Institucional, que pode dar-se no âmbito político, como também social (DAVALLON, 2007). Diante do exposto, a palavra Mediação, como se pode ver, merece mais estudo, pois conforme os autores citados, abrange mais de uma abordagem. Nessa direção, é convidativo pensar e estudar estas

abordagens, pois o termo pressupõe várias significações, ainda mais quando se pensa a Mediação no âmbito dos museus e outros equipamentos informacionais. No caso dos museus, a Mediação discutida na literatura científica, é respaldada pela abordagem histórico-cultural vinculada ao materialismo dialético e aos estudos culturais, fundamentados por teóricos como Marx e Engels, Williams, Martín-Barbero, Canclini, Vigotski, Paulo Freire e outros. A partir deste contexto, aproveitou-se a breve abordagem de Davallon que propõe quatro abrangências da mediação, as quais são: midiática, pedagógica, cultural e institucional (política e social). No âmbito dos museus é muito comum a mediação educativa e/ou cultural, sendo que estes termos muitas vezes se confundem entre si, tanto do ponto de vista da cultura e comunicação, como da cultura e educação.

Cabe lembrar que, no discurso de profissionais e pesquisadores da área, em relatos de experiência e até artigos científicos, quando se referem às atividades realizadas com o público de museu, que estas são nomeadas como educação em museus, mediação cultural, arte/educação, mediação de arte, sendo que muitas vezes estes autores estão se referindo a um mesmo fenômeno, a mediação histórico-cultural no espaço museal; no entanto, como defende Teixeira Coelho (2004), não podemos misturar cultura com educação e arte e por isso, faz-se a recomendação de que se discuta mais essa temática e delimite-se a abrangência de cada área. E por esta razão, optou-se por separar Mediação Educativa (também denominada de Educação em museus) de Mediação Cultural. Juntamente com a Mediação da Informação, estes termos serão discutidos nas próximas seções.

3.1- Mediação educativa e pedagógica

A ideia de mediação educativa se pauta na discussão da educação em museus. Desde o princípio, existia o caráter educativo desta instituição (MATTOS; MATTOS, 2010), foi percebido a necessidade de montar exposições que respeitassem as características e os interesses de cada tipo de público – especialista ou leigo. Com base em Köptche (2002), vê-se que os museus sofreram forte influência das teorias educacionais no mundo todo. Ao longo de sua existência, a perspectiva educativa dos museus foi se modificando, de acordo com as tendências pedagógicas próprias da Educação.

A primeira perspectiva educativa nos museus foi a chamada “pedagogia tradicional” (KÖPTCKE, 2002). Após a segunda metade do século XX, a importância dos museus passou a ser: informar a sociedade, com foco no sujeito ativo no processo educativo no museu e a aposta no seu engajamento intelectual através da interação.

A partir da década de 1980, a concepção educativa das exposições em museus se embasou nas teorias construtivistas, que enfatizavam o papel ativo do indivíduo na construção de seu próprio aprendizado e afirmavam que a aprendizagem é um processo dinâmico que requer uma interação constante entre o indivíduo e o ambiente (KÖPTCKE, 2002). A autora afirma que atualmente, a preocupação é tornar a exposição acessível ao público, de modo que este público a compreenda, tornando-a significativa. Sendo assim, é necessário que o visitante seja ativo e engajado intelectualmente durante a visita ao museu e o mediador deva promover situações de diálogo entre o público. Para isso, os setores educativos dos museus devem não só planejar bem suas atividades, como concebê-las a partir de opções educacionais claras (KÖPTCKE, 2002). Para Marandino (2008) e Köptcke (2002) a riqueza das atividades educativas desenvolvidas pelos museus pode ser entendida sob várias perspectivas pedagógicas, sejam elas liberais ou progressistas. Entretanto, ambas ressaltam a importância em ter clareza sobre quais concepções embasam as práticas para que o trabalho tenha mais eficácia.

No Brasil, as ideias de uso educacional do museu surgiram por volta dos anos 1930, dentro do conceito de “Escola Nova” de Anísio Teixeira. Também Mendonça (*apud* SUANO, 1986), apontou sugestões de o museu se incorporar à educação regular, de forma precisa e coordenada e não ser apenas local de visitas esporádicas. O museu, caracterizando-se como um espaço de extensão cultural, ao qual se entende como “[...] toda forma de educação generalizada que, operada sem estar necessariamente ligada às escolas, visa completar o trabalho das instituições escolares ou, às vezes, oferecer a única alternativa para quem não possui escolaridade alguma.” (SUANO, 1986, p. 60).

Para compreender a dimensão educativa dos museus, faz-se necessário conhecer a relação existente entre educação e cultura. Para Araújo (2004, p. 9), “[...] a cultura no âmbito educativo tem que se dar no plano da historicidade, em uma instituição social politicamente definida e não pode trabalhar no plano do inconsciente, mas do consciente.” Para a autora, a educação escolar deve mobilizar

os indivíduos em torno de uma visão crítica sobre a estrutura da sociedade e isso é possível a partir de um referente, que pode ser encontrado nas visitas do museu.

Deste modo, “os museus e centros culturais são reconhecidamente instrumentos que favorecem o aprendizado” (FALCÃO, 2009, p. 21), pois as coleções e os museus, pelas possibilidades que oferecem como base de investigação e também por sua capacidade de estimular debates e experiências diferenciadas, constituem-se em um recurso de elevado potencial científico, político e cultural, e desta forma devem ser usados e aproveitados pelos professores, alunos, ou seja, pela comunidade escolar como um todo.

Os museus são considerados locais de educação não formal, a partir do documento da UNESCO, de 1972, “Learning to be – The Faure Report”, que firmou metas quanto à “educação ao longo da vida” (lifelong education) e à “sociedade de aprendizagem” (learning society), que dividiu o sistema educacional em três categorias:

Educação formal: sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional.

Educação não formal: qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem.

Educação informal: verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – na família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa. (MARANDINO, 2008, p.13).

Para Gohn (2006) a concepção de educação é mais ampla do que a de aprendizagem e se associa ao conceito de cultura. Desse modo, educação não formal trata-se de um processo com várias dimensões, relativas à aprendizagem política dos direitos dos cidadãos; capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio do desenvolvimento de suas habilidades; exercitando práticas que os habilitam a se organizarem com objetivos voltados para a solução de problemas coletivos; dos conteúdos da escolarização formal, em natureza e espaços diferenciados; e educação desenvolvida na/e pela mídia, em especial a eletrônica. Destacam-se os vários ambientes nos quais se desenvolvem as atividades de educação não formal,

como as associações de bairro, os sindicatos, as organizações não governamentais, os equipamentos culturais e as próprias escolas; ou seja, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa. Para ela, entretanto, a educação não formal não contempla experiências vivenciadas na família, no convívio com amigos, nos clubes, nos teatros, na leitura de jornais, nos livros etc., sendo estas categorizadas como educação informal, já que possuem caráter espontâneo e permanente.

Podemos, ainda, realizar essa análise pelo ponto de vista do aprendiz. Dessa forma, um museu, por exemplo, poderia ser nomeado como um espaço de educação não formal quando o pensamos como instituição, com um projeto de alguma forma estruturado e com um determinado conteúdo programático.

Mas, ao pensarmos sob o olhar do público, poderíamos considerá-lo como educação formal, quando alunos o visitam com uma atividade totalmente estruturada por sua escola, buscando aprofundamento em um determinado conteúdo conceitual (ou, como muitos professores dizem, tentando “ver na prática o que tem em teoria na sala de aula”). Podemos, ainda sob o olhar do público, imaginá-lo como educação informal, ao pensarmos em um visitante que procura um museu para se divertir em um final de semana com seus amigos ou familiares (GOHN, 2006).

Gohn (2006) ressalta que independentemente das definições de educação formal, informal e não formal focarem na instituição ou no sujeito/aprendiz, bem como no processo de ensino ou no processo de aprendizagem, elas acabam tendo como parâmetro de comparação a educação formal. Nesse aspecto, é interessante observar a proposta de Rogers (2004, *apud* Marandino, 2008), de que educação formal, não formal e informal, devem ser vistas como um continuum e não como categorias estanques. Por meio desse continuum, é possível analisar as instituições, e as atividades que nela se desenvolvem, de forma integrada ou separadamente.

Como se pode observar, a educação tem diferentes propostas e são diferentes os espaços educacionais. Eles se diferenciam segundo seu objeto, sua relação com o público, natureza das atividades, a forma de apresentar o conteúdo, o tempo e a periodicidade das ações. Também museus, centros de memória e outros espaços culturais e informacionais, têm cultura própria, ritos e códigos específicos a seu campo disciplinar (FALCÃO, 2009). Deste modo pretende-se aprofundar o conceito de mediação educativa, estabelecendo assim uma relação entre cultura e educação, bem como conhecer as diferenças entre Mediação Educativa e Cultural.

4- ASPECTOS METODOLÓGICOS

4.1- Procedimentos de coleta de dados

A pesquisa documental foi o primeiro instrumento utilizado, que permitiu o contato real com o sujeito de pesquisa.

Em seguida, o estudo de campo, também conhecido como estudo da realidade, foi a segunda fase da pesquisa; nesta, utilizou-se procedimento de coleta de dados, fazendo uso dos instrumentos já mencionados.

Os documentos referentes a uma pesquisa podem ser classificados em: contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos; de fontes primárias e secundárias; fontes escritas ou não (MARCONI; LAKATOS, 2008). Essa pesquisa se caracteriza como retrospectiva, pois se utiliza de fontes primárias e secundárias escritas, tais como o projeto formalizado, reportagens de jornais e revistas em suporte digital e impresso, e também faz uso de fontes primárias não escritas, como os registros fotográficos e audiovisuais da visitação.

São considerados como documentação os registros fotográficos realizados nos momentos de observação. Tais registros foram fotos e vídeos dos momentos de visitação aos museus, ocasião em que a pesquisadora visitou o local para coleta de dados e para estabelecer um contato com o objeto de estudo.

O último momento da pesquisa de campo foi o da conversa em sala de aula a partir do olhar fotográfico. Essa técnica compreende um meio de obter informações, inferências e coleta de dados que não são possíveis através da pesquisa bibliográfica. Por meio da reflexão buscou-se coletar dados objetivos e subjetivos, pois os últimos se relacionam com valores, atitudes e opiniões dos sujeitos observadores. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm durante reflexões sobre os registros puderam fazer surgir questões inesperadas e importantes para a pesquisa.

4.2- Procedimento de análise dos dados: Análise de Conteúdo

Em relação aos procedimentos de análise dos dados coletados, iniciou-se com a interpretação dos dados e informações obtidos a partir da pesquisa bibliográfica e da aplicação do estudo de campo, por meio da pesquisa documental e da entrevista com os participantes do projeto “O olhar através da fotografia”.

A sistematização e análise dos dados coletados foram realizadas por meio do método Análise de Conteúdo (AC), que tem como uma de suas características a descrição analítica. Para Bardin (1977, p. 34), a descrição analítica constitui-se de “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...]”; e para Valentim (2005, p. 122), trata-se, portanto, do “tratamento da informação contida nas mensagens”. A AC se realiza por categorias ou subcategorias, que são relacionadas ao objeto de pesquisa. Ela tem três fases: “[...] Pré-análise; Exploração do material; Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (BARDIN, 1977, p. 95). É uma abordagem essencialmente temática e pode usar diferentes grades/propostas para analisar os dados.

Após a coleta dos dados, fez-se uma análise transversal (temática), correlacionando-os com a análise da literatura revisada no primeiro momento de desenvolvimento da pesquisa. Nesse processo, levantaram-se informações que caracterizaram as atividades de mediação cultural e educativa da instituição.

A Análise de Conteúdo dessa pesquisa foi realizada com foco em diversas categorias ou temáticas: museus, mediação educativa e/ou educação em museus, mediação cultural e mediação da informação e registros. Definiu-se como objetivo encontrar na fala das crianças pesquisadoras as categorias mencionadas, assim como identificar e indicar quais são as percepções identificadas sobre o objeto, sobre o lugar (FOTO 04).



FOTO 04: Para essa parte da exposição no Museu CCBB, em Belo Horizonte, as crianças criaram o seguinte título: *Pessoas da Floresta Encantada*.

5- O PROJETO: O OLHAR ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Para entender como se dá um processo de mediação em Museus, seja no âmbito educativo ou cultural, foi escolhido para analisar à luz do referencial teórico desenvolvido, o projeto de formação continuada da PBH, “Linguagem Digital: o olhar através da fotografia”, realizado no Museu CCBB de Belo Horizonte nos anos de 2015 a 2018.

Utilizamos o método estudo de caso, que tem instrumentos de coleta de dados, análise documental e entrevistas. Para análise documental, o Museu cedeu documentos primários de linguagem escrita e não escrita, tais como folders, notícias de jornal, produção bibliográfica e materiais de divulgação. Além do processo protocolado, tivemos acesso às fotografias; vídeos; notícias de jornal e televisão (formato impresso, on-line e vídeo); texto descritivo produzido pelos alunos, tendo o professor como escriba.

O segundo instrumento, neste caso as reflexões das fotos, foram aplicadas individualmente, para as crianças envolvidas na aula passeio.

Por se tratar de uma pesquisa retrospectiva, muitos profissionais da SMED/BH já não exercem o mesmo cargo na função gestora.

Na análise aqui realizada, os documentos e registro das fotografias serviram para caracterização e contextualização do projeto, conforme estão expostos no próximo tópico (5.1- Panorama histórico do projeto “O olhar através da fotografia”) de modo que exemplifica como se deu o projeto e suas etapas.

As ações do projeto foram confrontadas com as teorias acerca da Mediação Educativa, Mediação Cultural e Mediação da Informação. O direcionamento da análise foi para a mediação do ponto de vista da prática profissional. Deste modo, a discussão aliou o conteúdo da documentação e das entrevistas, que foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo, onde pudemos perceber mais acerca da ação realizada, cumprindo os objetivos de analisar o projeto e levantar a opinião dos gestores da equipe, respondendo também ao problema proposto deste trabalho.

A análise deste trabalho seguiu a estrutura das três categorias temáticas, propostas em cima do tripé mediação educativa, mediação cultural e mediação da informação.

5.1- Panorama histórico do projeto “O olhar através da fotografia”

De acordo com a documentação que nos foi oferecida, consideramos que o desenvolvimento do projeto de aula passeio ocorreu por meio de três fases, a saber:

- 1) Ação educativa realizada com os coordenadores pedagógicos: Educando a Cidade para Educar;
- 2) Formação do professor *in loco*, ou seja, no museu;
- 3) Trabalho em sala de aula sobre a visita ao museu com alunos da Umei Santa Cruz, que resultou na exposição “Uma experiência infantil visando o olhar através da fotografia”, ocorridas no ano de 2018.

Deste modo, separamos o relato deste projeto de acordo com os seguintes princípios:

- Busca de visibilidade para os sujeitos da infância como cidadãos;
- Acesso de professores e educadores a experiências de imersão Cultural como sujeitos culturais da cidade;
- Formação e discussão pelos professores e educadores da percepção da cidade como espaço educador.

A imersão cultural de todas as faixas etárias, como um complemento do ensino formal, é parte da concepção pedagógica dos museus que compõem o Circuito de Museus de Belo horizonte. E o Museu CCBB faz parte do referido circuito. Outro objetivo pedagógico desses museus é também atender o professor como sujeito cultural e mediador da criança pequena. Há também o objetivo de explorar o potencial de descobertas pelo próprio sujeito durante a visita, principalmente no que diz respeito ao lazer, que é ainda pouco explorado.

A partir disso, foi elaborado o projeto “O olhar através da Fotografia: museu, um projeto de imersão cultural” o qual foi submetido à SMED/BH. A duração do projeto foi de fevereiro de 2015 a dezembro 2017. Durante o processo de tramitação, discussões entre a equipe se formavam e davam corpo às ações que seriam realizadas, sendo a primeira delas, uma ação educativa, ocorrida em março de 2015.

A formação de professores/educadores e coordenadores do projeto “O olhar através da fotografia” também se baseou em alguns aspectos: o coordenador e museólogo do Museu; a formação do adulto/professor no espaço cultural museológico, considerando o adulto merecedor da formação cultural; o estabelecimento de contato anterior e posterior com o espaço cultural.

O professor a partir da formação *in loco*, estava nutrido da exposição na qual levaria seus alunos. Como sujeito de visita, ele teve a chance de explorar a riqueza cultural ofertada pelos museus, sem se preocupar em acompanhar o alunado, pois a visita era programada apenas para os docentes, enfim, era um momento de formação de professores/educadores e coordenadores (FOTO 05). Assim, o professor pode concentrar nas atividades durante a visita, não tendo que ficar preocupado se os estudantes estão quietos, se vão mexer em alguma peça da exposição, ou seja, se vão comportarem sem estragar nenhum material. Essa é

preocupação da maioria dos professorados quando sai em uma excursão museológica.



FOTO 05: Momento de formação docente no Museu de Artes e Ofícios, situado no centro da cidade, com professores das regionais Norte e Nordeste da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

A formação antecipada para o professor o possibilitou além de conhecer o espaço e o acervo museológico, interagir com o Educativo do museu, vivenciando possibilidades de interação sua e posteriormente do seu alunado. Essa proposta trabalha o conceito de mediação interativa tanto do professor sujeito cultural, da qual não teve muitas oportunidades de vivências museológicas, quanto do seu alunado, fazendo um trabalho de mediação, preparando com entusiasmo e inferências o corpo discente para a visita; pesquisas antes da visitação comprovaram que os alunos se comportam como pesquisadores e o seu olhar investigativo muda na aula passeio. Pois ele já sabe aonde irá e que exposição encontrará no espaço, de qual artista, e muitos sabem inclusive da biografia do artista, fato que muda a concepção de visitação de observação espontânea para uma observação crítica, curiosa, investigativa sobre as obras expostas.

A inserção mediada em espaços culturais provoca motivação e desejo de novas experiências pelas crianças e famílias. Essa investigação antecipada à

visitação em sala e em casa conseqüentemente aguça o imaginário infantil e das famílias também. O protagonismo das crianças, como sujeito de cultura na visitação junto a uma mediação interativa, conforme constatado nesta pesquisa, seduz e encanta as crianças. No caso dessa pesquisa, o público da educação infantil (FOTO 6).



FOTO 06: Visita de estudantes da educação infantil ao Museu CCBB em Belo Horizonte. Essa experiência do projeto “O olhar através da fotografia” originou essa pesquisa.

Como as crianças são pequenas o registro escrito ainda não ocorre, mas existem outras formas de registro, para preservação da memória, a fotografia. Assim surgiu o projeto, o olhar através da fotografia, como registro das crianças menores, que, de volta à escola, organizaram nova exposição (FOTO 07).



FOTO 07 De volta à escola, as crianças sob orientação da professora organizaram uma exposição com fotografias tiradas durante as visitas às exposições nos museus.

O recurso da linguagem digital, com as câmeras digitais, possibilitou o registro fotográfico das obras artísticas, para trabalhar o registro da memória, que, posteriormente, adquiriram o formato de uma nova exposição, agora produzida pelas crianças, e expostas para a comunidade escolar (FOTO 08).



FOTO 08: De volta à escola, as fotografias tiradas pelas crianças durante as visitas às exposições nos museus de Belo Horizonte, bem como as atividades desenvolvidas em sala de aula antes e depois das visitas, foram mostradas à comunidade escolar por meio de uma exposição, ocasião em que as famílias das crianças puderam ter uma melhor dimensão desse trabalho pedagógico.

Trabalhou-se com as crianças possibilidades de registro da exposição que veríamos, algumas comentaram desenhos, outras falaram sobre fotos e vídeos. Discutimos a importância do registro e a oportunidade que a turma teria com a aula passeio, sendo uma turma em uma escola com mais sete turmas. Então propôs-se aos alunos o registro fotográfico. A escola dispunha de duas máquinas fotográficas, que foram disponibilizadas às crianças. Manuseamos as máquinas na sala de aula, tirando algumas fotos de momentos da nossa rotina. Conversamos em roda que a máquina estaria à disposição para registro, as crianças opinaram de eleger três crianças para a tarefa, então assim fizemos. A exposição era no museu CCBB e o artista, Cristus Nóbrega (FOTO 09). As crianças já haviam pesquisado sobre o

artista, bem como a sua exposição. Isso fomentou o desejo de ver sua exposição, que tinha o nome de “Floresta encantada”.



FOTO 09: Estudantes que participaram de aula passeio, que se tornou tema dessa pesquisa, contemplam obras de arte no Museu CCBB em Belo Horizonte.

Na imaginação das crianças, achariam bichos na Floresta encantada (FOTO 10). A visitação foi mediada por uma estudante de história que relacionou o lúdico em todas as obras, as crianças tiraram fotos da exposição, procuraram o dragão da Floresta e mergulharam nos *souvenirs*.



FOTO 10: Nessa parte da exposição no Museu CCBB, em Belo Horizonte, as crianças atribuíram o seguinte título: *Homem Dragão*.

As crianças realizaram a tarefa de descarregar as fotos no computador da escola e nomeá-las. Elas selecionaram fotos que iríamos expor, escolhendo as melhores na visão e no olhar delas, exemplificando o que cada uma queria dizer; demos títulos às fotografias para contextualizar e ajudar na explanação que os alunos foram incumbidos de realizar no dia da exposição. Montamos a exposição, para dividir o conhecimento com as outras salas que não foram à exposição pela aula passeio e com a comunidade, em especial os familiares dos alunos.

Todo esse processo possibilitou às crianças experimentarem um recurso midiático de registro, a fotografia como recurso da memória e visual para conhecimento e possibilidades de aprendizagens para quem não fez o passeio e a visita ao museu.

Este projeto foi um rico trabalho de parceria entre o ensino formal e não formal, possibilitando ampliação de conhecimentos culturais de outra realidade - a China.

A exposição foi muito enriquecedora e revelou que nós professores/educadores não podemos deixar de usar competentemente um recurso tecnológico com propriedade e sabedoria de uso e finalidade.

Colocar uma máquina nas mãos de crianças de 4 e 5 anos a princípio parece não ser um costume: pode quebrar, não sabe usar, o senso comum ressalta; mas com mediação educativa torna-se uma forte ferramenta de registro de memória para interlocução da aprendizagem ocorrida e compartilhamento de saberes (FOTO 11).



FOTO 11: Nessa parte da exposição, em Belo Horizonte, as crianças atribuíram o seguinte título: *Missão Secreta*.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vários momentos aconteceu a mediação da informação, no acesso em relação aos artefatos, fotografias (visual da exposição museológica e as tiradas pelas crianças), que são informações materializadas; e também por meio da relação com a informação oral. A mediação realizada pela equipe do museu se deu pela fala da equipe educativa, com explicações acerca da exposição dos objetos, sua significação perante a história, bem como o histórico das obras.

Ficou explícito no caso do projeto “O olhar através da fotografia” que a apropriação da informação, não se deu apenas com a criação e exposição da informação materializada, mas principalmente, na relação oral advinda do recurso midiático da fotografia, e foi além da linguagem verbal escrita, sendo necessário o uso da linguagem digital, neste caso o sentido visual fotográfico foi essencial para que ocorresse a apropriação daquela informação relativa ao objeto exposto no Museu. Neste caso, não foi a informação em si, o foco do projeto, mas o mais importante, a mediação da informação através da ferramenta tecnológica digital “a fotografia” que possibilitou o registro fotográfico da memória infantil.

Dessa forma, não se trata de substituir as atividades tradicionais pelo uso das tecnologias, mas de saber explorar esses recursos para suprir certas facilidades que não são encontradas nas atividades tradicionais. É necessário que o professor entenda as especificidades desses meios e saiba usá-los adequadamente como recursos pedagógicos.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. M. Mudanças sociais/mudanças museais: Nova História/Nova Museologia – que relação? **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n.5, 1996. p. 107-128.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Implicações entre formação e objeto da área de Informação. In: VII Encuentro de Directores, 7. Y Encuentro de Docentes de Escuelas de Bibliotecología y Ciencias de la Información del Mercosur, 7. Anais... Mar del Plata, 2004. Publicação em CD-ROM.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens, **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>>. Acesso em: 5 set. 2010.

AMAZONAS, A. R. Política de museus. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). **Políticas culturais no governo Lula**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 201-217.

ARAUJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (Orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

ARAUJO, S. M. S. Cultura e educação: uma reflexão com base em Raymond Williams. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27, 2004, Caxambu. Anais eletrônicos... Caxambu: ANPED, 2004. p. 1-12. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt03/t0315.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco: livro II. In: _____. **Metafísica; Ética a Nicômaco; Poética**. São Paulo: Victor Civita, 1984. p. 67-78. (Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BICHERI, A. L. A. O. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação**. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação).

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais, **Revista Eletrônica de pós-graduandos em sociologia política da UFSC**, v.2, n.1, p.68-80, jan./jun. 2005.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p. 3-5, 1968.

BOTTOMORE, T. (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. **Programa de apoio à extensão universitária: edital nº 01/2008**. Brasília: Ministério da Cultura; Ministério da Educação, 2008.

CABANAS, J. M. Q. Relaciones entre Animación sociocultural y Gestión cultural, **Pedagogía Social**, n. 12, 1995.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

_____. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional, **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, 1994.

CERÁVOLO, S. M. Delineamentos para uma teoria da Museologia. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 12, n. 12, jun. dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-7142004000100019&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 maio 2010.

COSTA, L. F. Uma reflexão sobre as políticas públicas e a questão da formação na área cultural. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura; 4, 2008, Salvador. Anais eletrônicos... Salvador: Faculdade de Comunicação, UFBA, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14567.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2011.

_____. Um estudo de caso sobre a mediação cultural. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura; 5., 2009, Salvador. Anais eletrônicos... Salvador: Faculdade de Comunicação, UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19356.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2011.

_____. Terminologias e denominações das atividades da organização da cultura. In: BARBALHO, Alexandre *et al.* (Orgs.) **Cultura e desenvolvimento: perspectivas políticas e econômicas**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 27-56.

CURY, M. X. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 1, Anais eletrônicos... Porto, 2009. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2010.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com: Revista de Ciência da Informação e Comunicação do CETAC**, n.4, jun. 2007. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf>. Acesso em: 22 out. 2010.

DUARTE, N. **A individualidade para si**. Campinas: Editora Autores associados, 1993.

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). CIES e-WORKING PAPER, n. 60, jan./dez. 2009.

ENNES, E. G. **Espaço construído: o museu e suas exposições**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, 2008. 195f. Dissertação (Mestrado em Museologia).

FALCÃO, A. Museu como lugar de memória. In: Ministério da Educação - Secretaria de Educação a Distância. (Org.). **Museu e escola: educação formal e não-formal**, 2009, v. 19, n.3, p. 10-21.

FAUCHE, A. La médiation-présence au musée d’Histoire des sciences de Genève: Enjeux, objectifs, pratiques, réflexions, **La lettre de l’Ocim**, Dijon, n. 83, 2002. Disponível em: <<http://www.lides.unige.ch/publi/vulg/3-articles.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas, **Revista Ensaio**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 2738, jan./mar. 2006.

GROSSMANN, M.; RAFFAINI, P. T.; TEIXEIRA COELHO. Museu. In: TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultural**. 3. ed. São Paulo: Fapesp/Illuminuras, 2004. p. 269-274.

INTERNACIONAL COUNCIL OF MUSEUMS - ICOM. Disponível em: <<http://icom.museum/definition.html>>. Acesso em: 21 mai. 2012.

INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 216-219.

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história dos museus. In: **Cadernos de Diretrizes Museológicas I**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centro Culturais, Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

KÖPTCKE, L. A parceria educativa: o exemplo francês. In: **Cadernos do Museu da Vida. O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2002. p.70-79.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LARA FILHO, D. **Museu: de espelho do mundo a espaço relacional**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2006. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação).

_____. Museu, objeto e informação, **TransInformação**, Campinas, v. 21, n. 2, p.163-169, maio/ago. 2009.

LE COADIC, Y. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet Lemos, 2004. 124 p.

LIMA, D. F. C.; COSTA, I. F. R. Ciência da Informação e Museologia: estudo teórico de termos e conceitos em diferentes contextos - subsídio à Linguagem documentária. In: CIFORM – Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa da Informação; 7. Anais Eletrônicos... Salvador, 2007.

MARANDINO, M. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: Geenf/FEUSP, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, A. A. L. **Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 253f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação).

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATTOS, Y.; MATTOS, I. **Abracaldabra: uma relação afetivo-cognitiva na relação museu-educação**. Ouro Preto: UFOP, 2010. 168p.

MEDEIROS, N. R. Seminário: análise documental. 2006 Apresentação de slides. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/poseduesc/cd_disciplina/sem_analise_documental.ppt>. Acesso em: 29 mai. 2009.

MENESES, U. T. B. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico, **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.2, n.1, p. 9-42, 1994.

MENSCH, P. V. O objeto de estudo da museologia. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1994 (Tradução Vania Estevan de Oliveira). (Série Pretextos museológicos 1).

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. (Tradução de José Massano e Manuel Palmerim).

MÖRSCH, C. A experiência educativa na Documenta 12. Auditório MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, 08 ago. 2008. Debate. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/.event_pres/exposicoes/documenta-12-1/aexperiencia-educativa-na-documenta-12>. Acesso em: 12 set. 2011.

MOUTINHO, A. V. A novidade do museu imaginário, **Diário de Notícias**, 3 nov. 2001, p. 42.

NASCIMENTO, S. S. O corpo humano em exposição: promover mediações sócio-culturais em um museu de ciências. In: MASSARINI, L. (Ed). **Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros de Ciências**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 11-19, 2008.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações, **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo dicionário latino Português**: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico. 12. ed. Rio de Janeiro-Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SUANO, M. **O que é museu**. São Paulo: Brasilense, 1986.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.